

O DOMINGO

SEMANARIO

R. D. PEDRO V-18
TELF. 631-N. LISBOA

ilustrado

AGENTES EM

TODA A PROVINCIA
COLONIAS E BRAZIL

NOTÍCIAS & ACTUALIDADES GRÁFICAS - TEXTOS SPORTS & AVENTURAS - CONSULTÓRIOS & UTILIDADES



OS ESCOTEIROS DE PORTUGAL!

(Cliché da secção fotográfica do Grupo).

Os escoteiros do Asilo Maria Pia são o grupo mais bem organizado entre nós. Eis uma fase dos exercicios na colonia de férias de Torres Vedras, em que o simbolo do escotismo se representa: "sempre equilibrados, na escola como na vida..."

LISBOA • BRISTOL CLUB • DANCING

cronica da semana por norberto lopes

ONDE SE METEU O VERÃO?

Os senhores sabem por acaso onde se meteria o verão este ano? Sairam de Lisboa milhares de pessoas á procura dele, para o campo, para as termas e para as praias, e até hoje, que me conste, ainda o não encontraram.

Que se teria passado na Direcção Geral da Meteorologia Celeste, que nos manda o calor e o frio conforme a roupa, para que os empregados se tenham esquecido de abrir a valvula que nos conhecidos meses de Julho, Agosto e Setembro lançava sobre o mundo a chamada temperatura de ananazes?

Estamos a 18 do Vindimario—e nada! Calor ninguem o sente. Nem o termometro, que é uma das coisas que os homens inventaram com uma sensibilidade mais delicada, mais «refinée»—como se diz nos salões.

E a verdade é que o inverno tambem não foi rigoroso. O frio não apertou. Que se estará passando, Santo Deus, nas alturas donde o teu dedo omnipotente rege o Universo, para que as antigas estações do ano percam o seu significado termico e fiquem reduzidas a simples estações do caminho de ferro—como o Estrel, por exemplo, que é uma estação de inverno?

Teriam os empregados da Meteorologia Celeste declarado a greve de braços cruzados, em face do aumento constante do preço dos generos?

Como consequencia deste movimento social e burocratico—de que o bom S. Francisco foi o primeiro a dar o exemplo—os grandes aparelhos reguladores da temperatura, que exerciam a sua acção sobre o nosso planeta, conservam-se inalteraveis dentro das suas caixas de cristal—e a terra que se governe com uma temperatura destrazer por casa, porque enquanto a greve não for resolvida faltará o calor aos domicilios, como falta a agua nos contadores da Compagnia.

E as pessoas que saíram de Lisboa para gosar o verão perderam o seu tempo e o seu dinheiro—e em Outubro temo-las aí, mais furiosas do que baratas, por lhes terem ficado as ferias tão caras.

NORBERTO LOPES

Este numero foi visado pela comissão de censura

MALDITAS MULHERES



—Sim, são bonitos estes chapus, mas muito frequentes...
—Enão... compra-me dets!

NOVIDADES E NOTICIAS D'AQUI E D'AQUILA

Assistência aos funcionários

A lei de protecção aos funcionários do Estado tuberculosos é digna do mais caloroso aplauso. Não se compreende que o Estado obrigue os patrões a protegerem os empregados doentes e não cumpra, elle próprio, os mesmos caridosos preceitos. Só é lastimável que a protecção abranja apenas os tuberculosos. E os cancerosos, e os loucos, e os atingidos por toda uma série de males quasi incuraveis, alguns dos quais—como as doenças dos climas tropicaes—são adquiridos no exercicio das respectivas funções e por via d'elles? Era justo e humano que o Estado desse a cada portuguez que o serve a certeza simultaneamente angustiosa e consoladora de que ao deixar a familia sem o seu amparo não a deixa a fratos com uma pesada herança de dividas, contridas durante uma doença sem remédio.



Uma americanice

OS últimos magazines trazem a fotografia duns noivos, saindo da igreja e trazendo pela mão dois cãesinhos, dois "lólós" enfadados e horrorosos, que marcham á frente, cheios duma imperiosidade natural. E' claro que é uma especialidade americana.



Há dias, no Rossio, um rapazola, tipo caixeiro do Grandela, examinava a página do magazine, pendurada no balcão dum estanco. E, apontando os noivos com os seus cãesinhos, comentava, melancolicamente, para outro: "Só eu, então, estou á espera de não ter "cães", para me casar"...

A colónia infantil de S. Pedro do Estoril

HA uma semana que um dos Estoris, uma das praias "chics" por excelência, abriga as duas centenas de crianças pobrezinhas de Lisboa, ás quais um grupo de homens generosos resolveu conceder umas semanas de resgate higiénico. E' uma idéa que despertou um eco de simpatia em todos os corações. E' preciso que essa idéa caminhe apressadamente, antes que a simpatia artefeça. Cada veraneante da linha de Cascais é uma pessoa "que pode veranear". Porque não será tambem uma pessoa que pode, durante os dias do seu veraneio, deitar uma moeda numa caixa, á entrada da estação onde se apeia? Quasi sempre são as crianças que arrastam as familias ao sacrificio de ir passar uns meses á beira-mar. Que sejam elas, o amor por elas, que leve as "pessoas crescidas" a lembrarem-se, todos os dias, dos pequenitos de Lisboa, andrajosos, famintos, amarelos, a banharem os pés na agua das sargetas...



A morte do livreiro Julio Aillaud

DESAPARECEU da vida o livreiro Aillaud. Era uma figura que deixou ligado o seu nome a uma grande obra editorial.

A casa do Chiado—onde têm passado gerações de intellectuais e de artistas vale por si como um padrão de trabalho e de legitimo orgulho.

O «Domingo Ilustrado» associa-se ao pe-zame geral pela morte do grande trabalhador que foi Monteiro Aillaud e envia por esse facto os seus cumprimentos á «Ilustração» e ao seu director, o nosso amigo sr. João d'Eça.

Um democrata

HA pouco mais de um mês, o cruzador "Primauguet", ancorado em Hai-phong, recebeu a visita de M. Varenne, vice-rei da Indochina francesa. A visita começou ás cinco horas e meia da tarde. A certa altura um dos officiaes que acompanhava M. Varenne advertiu-o de que a bandeira, a bordo dos navios de guerra, é recolhida, ao pôr do sol, e que, depois d'ella recolhida, não se prestam honras com salvas... A's seis horas e quarenta minutos, a bandeira seria descida, a bordo do "Primauguet". Quando eram seis horas e vinte, M. Varenne pareceu dar por finda a sua visita e desceu para o seu escalor, ao som dos clarins e das salvas, que foram dezessete...



Pouco depois, voltava a bordo e recomeçava a visita. Mas apanhara salvas e toques de clarim!

Enquanto as democracias tiverem tão escrupuloso culto pelos simbolos e manifestações de honra e respeito pelas hierarquias sociais, o título que distingue os regimes tem uma "significação insignificante"...

A mais nobre realeza

AS democracias criaram n'últimas realezas, desde as que pertencem aos reis do pectoreo, do açúcar, do aço, etc., até ás das rainhas de beleza. Em França, foi criada uma nova magestade: a rainha das familias numerosas. Em França, onde as "tres-poules" vão rareando cada vez mais, foi coroada rainha uma boa senhora, M.^{me} Petrowiste, cuja coroa é constituída por uma enorme roda de braços infantis. Foi eleito ao ar livre, sem cerimónias nem espalhafatos, a mulher que se multiplica em dezenas de mulheres e homens,—a mulher que é o tronco donde partem dezenas de ramos, teve a sua apoteose. No milagre das suas múltiplas transfigurações há qualquer cousa bem a caracter com o século dos milagres da mecânica e por isso a sua apoteose não chega a destoar na época das mulheres em marcha alucinada pelo mundo, á procura doutros destinos diferentes daquele que se cansaram de cumprir...



Sintra

O proximo numero de o «Domingo Ilustrado» será dedicado á vila de Sintra—«a sala de visitas de Portugal». Nele ficará arquivado um pouco de critica leve e noticia grafica sobre a historica vila, joia inestimavel, canto soberbo do mundo.

Este numero coincidirá com as festas a Nossa Senhora do Cabo, que incluem o cirio celebre que só de 25 em 25 anos se realisa.

EXPLICAÇÃO GENIAL



—Mas tu compraste este falso, porque está aqui o preço.
—Não é o preço, é um numero. Matel tantos que os numerel.

SINCERIDADE



—Ha muito tempo que ficou sem marido?
—Dois dias depois do casamento...
—Felix homem... Assim não sofreu muito l...

questão previa

Por FELICIANO SANTOS

ESTRANGEIROS e nacionais—mais os estrangeiros, é evidente—apontam ao povo portuguez o defeito da exuberancia... de palavras.

Com effeito, nós falamos pelos cotovellos e por todos os póros. A palavra—eis o nosso inimigo. Ao contrario do fim para que ella foi creada, a palavra serve-nos para comprometer e não para revelar o nosso pensamento.

E' claro que estas coisas precisam de ser exemplificadas para que se metam pelos olhos. Ha dias, na sala do capitulo da Batalha, tive um frisante exemplo de que nós falamos de mais. A lapide modesta, que substituiu o mau-soleu sumptuoso de marmore e bronze, na jazida dos soldados desconhecidos, é eloquente na sua simplicidade de lousa simples, rara, igualitaria. Enquanto é o simbolo a falar, bem val, porque diz o que significa e não precisa de ir mais alem para impressionar. O pior são as letias, que formam palavras e as palavras, que formam fraes. Quando a lapide começa a falar aos nossos olhos pelas letras da inscrição é que se verifica que, mais uma vez e em tão solene ensejo, falamos de mais, falamos exuberantemente, com a agravante de o fazermos a respeito de nós proprios.

Em letras fundamentalmente abertas no campo raso fala-se de «Portugal eterno nos mares e nos continentes...», sem nos lembrarmos que elogio em boca propria é vituperio e que fomenos, naquelle ambiente recolhido da casa capitular da Batalha, a quanto estrangeiro compreenda a nossa lingua, um motivo forte para nos julgar um povo megalomano, que se desforça da sua pequenez geografica revendo as suas façanhas num espelho amplificador e, necessariamente, deformador.

Diante da inscrição tumular dos nossos soldados desconhecidos, não se pode deixar de evocar a simplicidade tocante da lapide sob o Arco do Triunfo: «Aqui jaz um soldado francês, que morreu pela Patria. 1914-1918».

Nem adjectivos pomposos, nem evocações de outras glorias senão das que o proprio monumento evoca, que para isso se escolheu em cada país o local apropriado ao tumulo do soldado ignorado, o Arco do Triunfo em França, Westminster em Inglaterra, a Batalha em Portugal, ambientes solenes de grandesa e tradição, cujas pedras seculares falam mais alto, mais claro do que toda a pompa da adjectivação de lapides ou discursos.



Ler na pagina 4 as condições de «O CONCURSO DA COSTUREIRA MAIS BONITA»

INNOVAÇÕES

NUM desejo constante de originalidade e sem noção alguma do ridículo, alguns elementos da moderna academia apresentam os mais inesperados e extravagantes aspectos. Ha dias, enquanto um engraxador me arrancava os varios quilos de poeira, que uma rapida passagem pela baixa me acumulára sobre os pés, vi com espanto entrar na loja um par de jovens, um de futrica e outro de estudante, que absorveu por completo as minhas atenções.

Era um destes rapazes que supõem que a simples introdução dentro duma capa e duma balina póde absorver um mortal de todas as cretinices e disparates que lhe venham á cabeça. A sua indumentária era curiosa. Por dentro da capa esfarrapada colava-se um boneco de côres, um boneco de pano, mal feito, um mamarracho qualquer, especie de mascote, talvez, com que ele pretende apagar os varios

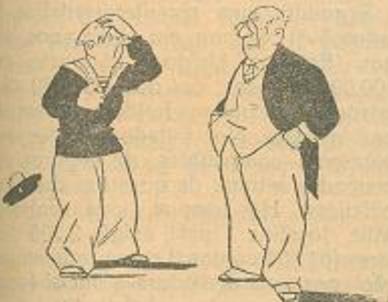


chumbos que inevitavelmente o esperam, depois de passar um ano inteiro a cuidar de tais extravagancias em prejuizo dos livros.

Assim como os edificios possuem pára-raios, ele usa aquele pára-chumbos de efeito duvidoso. Eu garanto que se fosse lente, não poupava estes estudantes com gravuras, estes estudantes apenas ilustrados nas capas e balinas.

Mas já não é o primeiro que vejo neste gosto. Encontram-se a cada passo destes rapazinhas que de estudantes afinal nem têm o traje; de grossos bengalões, extranhas gravatas e os mais variados monos cosidos na farpela.

GARGAREJJS



—Para a sua garganta recetto-lhe gargarejis de agua salgada.
—Oh! Sr. doutor, duas vezes já eu namfregael este isorno.

Crónica alegre.

PO R AUGUSTO CUNHA

O que porem não tinha visto, ainda, era um estudante com coleira. Porque este que descrevo ostentava no sitio onde qualquer de nós costuma trazer o colarinho e a gravata uma fita de veludo perfeitamente independente da camisa e com o aspecto acabado de coleira. Semelhante a estas fitas com que as damas ornamentam os lúlus de seu regaço, mas sem o laçarote do costume. E sabendo que a academia nestes ultimos anos tem passado, infelizmente, por muitas transformações, nada se parecendo com a que ha dez anos conheci, tratei de convencer-me a mim proprio que um tal fenomeno academico não terá repercussão na academia, sendo apenas um caso esporadico e como tal devendo considerar-se.

Mas saí do estabelecimento apreensivo com o futuro e pensando que aquele extranho e decerto isolado especimen da moderna academia era, afinal, ainda pior do que os cachôros, porque trazia coleira e não pagava imposto.

VERÃO OU NÃO VERÃO

Nesta era de completa desorganisação, já nem a propria natureza regula bem.

A unica, a ultima coisa em que podiamos ter absoluta confiança, começa tambem a impingir gato por lebre.

Como estes artigos de má qualidade, mal fabricados, falsificados, com mistura, temos este ano tambem um verão que não aquece, que não cumpre completamente a sua obrigação, um verão a derreter-se em chuva, um verão sem calor, quasi sem sol, um verão béra.

Tivemos primavera em Janeiro e vamos decerto andar de palhinhas em Dezembro.

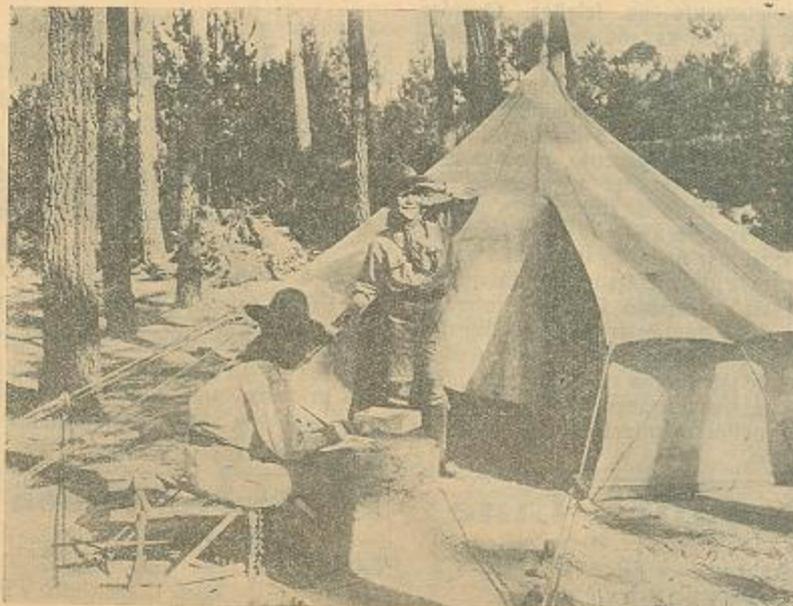
Os chapeleiros arrepelem-se. Como



ninguem está disposto a andar de palhinhas e galochas, eles vêm quasi intactos os seus stocks. A fresca palha das tampas masculinas não tenta este ano a freguesia. Os chapeleiros, que supunham que todos os fregueses compravam chapéus de palha, porque o caso era saber-lhos impingir, viram por terra a sua teoria. E com o negocio parado, terão por fim, á minima de recursos, de comer os proprios artigos do seu comercio.

OS ESCOTEIROS DO ASILO MARIA PIA

BIVACARAM EM PAUL (TORRES VEDRAS)



Foi uma colonia de férias modelo, onde o conforto não faltou, graças á protecção que lhe foi dispensada pelo Ex.º Sr. Director do Asilo Sabino Coelho, a quem todos os rapazes ficaram reconhecidissimos.

Alguns incautos portadores de tais chapéus, depois de suportarem varias molhas e de constatarem que dentro dos palhinhas chove como na rua, já se não aventuram com eles, sem trazerem tambem a malva de prevenção.

E como á noite ha sempre frio, só nos resta o recurso de andarmos constantemente prevenidos com os resguardos e abafos proprios de todas as estações do calendario.

Uma noite destas, em que o frio apertou mais e o ceu nublado ameaçava grosso temporal, deparei com varios prevenientes, de sapatos claros e galochas, palhinhas, sobretudo de peles e guarda-chuva. Alguns traziam ainda no braço uma cautelosa capa de oleado.

Lembravam reclames ambulantes ou numeros arrancados a qualquer revista do ano.

Algumas elegantes portadoras daquelles transparentes vestidos,—daquelas autenticas camisas de andar na rua que elas impropriamente rotularam de vestidos—resguardando se do frio da noite com fartos casacos de abundantes peles, davam a impressão de surpreendidas por um incendio, quando no melhor do seu primeiro sono. Senhoras, enfim, a quem o panico tivesse feito saltar da cama no traje minimo em que o alarme as assaltasse.

Decerto esta desordem dos elementos não é mais que um reflexo da desordem que vai lavrando cá por baixo. Não admira que a natureza esteja tambem já bolchevisada. O que é certo é que com a influencia das ideias vermelhas a um extremo tal, a gente na verdade vê-se azul.

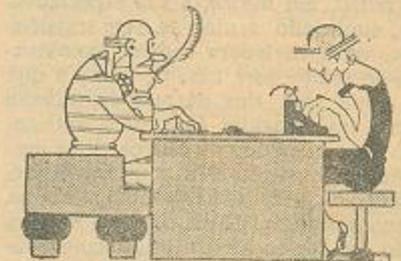
Antigamente, quando era verão, era verão, quando era inverno, era inverno, e assim sucessivamente, nas varias estações e apeadeiros do calendario, onde a natureza meticulosa chegava sempre á tabela, pontualmente, sem atrasos, sem panes, sem contratempos.

Agora é o que se vê; até os proprios elementos, decerto influenciados pela onda crescente de falsificadores e vigaristas, nos impingem tambem um verão falsificado, com frio, com chuva, carrancudo, ventoso, de má catadura, aquecendo-nos a prestações, dia sim, dia não, um verão, enfim, com todas as caracteristicas do inverno, um Verão que V. Ex.ªs este ano não verão.

Mas, ainda assim, do mal o menos. Se o sol, apesar de ser dos amarelos, se lembra tambem de reclamar as 8 horas de trabalho e começa a regular pela nossa a sua actividade, no inverno acabaremos todos em sorvete.

AUGUSTO CUNHA

AMBIGUIDADE



—Sr. Director, a que é um a e Informa?
—É um ser mal feito, ludlondo etc. Mas porque pergunta isso?
—Porque me illou —Informa o director...

Curiosidades

A CARNE DE SERPENTE

Acaba de morrer, em Londres, um senhor chamado Franck Turzson, original *globe trotter* que tinha a excentricidade de apreciar os mais exquisitos manjares. Tinha comido carne de ratos, rinocerontes, hipopótamos, elefantes, etc... Declarava que a tromba de elefante era um manjar de príncipes. Mas entre todos os animais exóticos que saboreara, o seu preferido era a *boa constrictor*, a serpente gigante. Franck Turzson afirmava que a carne desta serpente tinha a delicadeza da carne dos mais apreciados peixes e, ao mesmo tempo, o sabor da melhor caça. E em tanto apreço tinha o seu manjar preferido que, para matar saudades dêle, muitas vezes empreendeu viagens longínquas, dispendiosas e não raramente perigosas.

COINCIDÊNCIAS

Foi no ano do terremoto de Lisboa, 1755, que se descobriram as ruínas de Pompeia, ocasionadas por outro grande cataclismo cósmico, uma erupção do Vesúvio.

Henrique VIII de Inglaterra, cuja revolta contra a igreja romana devia ter como consequência o afastamento da Inglaterra do poder espiritual do Papa, nasce em 1491, no mesmo ano em que nasce Santo Inácio de Loyola, o fundador da Companhia de Jesus, que tantas almas chamou ao grémio cristão.

Galleu, célebre astrónomo, morreu em 1642, o ano em que nasceu Newton, outro astrónomo não menos célebre. Um século depois, em 1742, morreu Halley, o grande astrónomo que deu nome a um cometa.

O ARCO DO TRIUNFO

O Arco do Triunfo de L'Étoile, em Paris, cuja construção foi decretada, em 1806, por Napoleão I, custou 9 milhões 651 mil e 115 francos, ou seja, 1 740 contos, aproximadamente. Isto quando o franco valia dois tostões. Hoje importaria em vinte vezes mais, ou seja, uns 35.000 contos actuais.

O PRIMEIRO ELECTROCUTADO

Foi em 1890 que, pela primeira vez, foi aplicado o sistema da electrocução. E foi um americano, chamado Kemmler quem o inaugurou. Toda a gente esperava a "estrela" do aparelho com certa ansiedade. Mas os assistentes não gostaram do espectáculo, porque este excedeu, em horror, a sua expectativa. O supliciado sentou-se, sem resistência, na assustadora cadeira, encostando-se muito para traz, de forma a que a zona dos rins desnudada, tocasse bem no espaldar. O médico, aplicando-lhe o electrodo na cabeça, disse-lhe: «Adeus, Kemmler!» E, muito delicadamente, o condenado retorquiu: «Adeus, senhor doutor!» Mas o pobre homem não foi morto á primeira. Recomeçou-se a operação e, dessa vez, a electricidade não se limitou a fulminar Kemmler; carbonizou-o.

Um grande poeta popular
que surge

Vasco de Matos Sequeira afirma-se no seu primeiro livro de quadras um notavel poeta, de suave estro, de espontaneidade invulgarissima. Nas nossas paginas algumas das suas primeiras.

Ha quem se ria chorando,
Quem chore sempre que ri...
Nunca chorei como quando
Julgava rir-me de ti!

Quando se é triste e se canta
Não tenham pena de nós,
Pois quanta tristêsa, quanta,
Nos sai do peito na voz!

Teu coração, quatro espaços
Fiz dêle a minha vivenda...
Por trespasse dei-te abraços,
Com beijos pago-te a renda!

Aquêlê que o tempo perde
A fazer de si alarde,
Faz lembrar a lenha verde
Que deita fumo e não arde...

Amor palavra tão breve
De quatro lêtras, de quantas
Tem o insulto que escreve
O nôme triste de tantas...

Quando chove ao outro dia
Tem o sol maior belêsa,
Sem desgostos a alegria
Era uma grande tristêsa!...

Dá-me um beijo, dá-me dois,
Mas se demais te perdi,
Dá-me um só porque eu depois,
Dou o segundo por ti...

Perdida diz-se na vida
Uma mulher que se deu,
Mas sendo ela perdida
E' porque alguém a perdeu...

E' sempre grande um amor
Dado a quem nos não quiser
Porque o dar só tem valor
Se não conta recebêr...

Das dôr's de mãe por um filho,
Maior não sei qual será:
Se quando a morte lho leva,
Se quando o ventre lho dá!

AS VIUVAS NAS ILHAS
SALOMON

Em quasi tôdos os paises, as mulheres velam o rosto, quando enviavam. Mas, nas Ilhas Salomon, trazem um véu tão espesso que lhes encobre completamente as feições. Outrora, obrigavam-se as mulheres a seguir o marido no túmulo, mas este costume, que subsiste em diversas ilhas da Oceania, desapareceu completamente no arquipelágo das ilhas Salomon. No proprio dia do casamento, passavam ao pescoço da mulher uma corda com um nó corredio da qual nunca mais se separavam. Se a fatalidade a fazia viuva, qualquer membro da familia se encarregava de a estrangular, durante os funerais do esposo. Graças á intervenção dos missionários, este horrível costume foi abolido. Mas a mulher goza de tão ínfima consideração que o seu desaparecimento não é assinalado pela menor manifestação de pesar ou de luto.

Cosulich Line

Agentes: — E. PINTO BASTO & C.ª L.ª
CAES DO SODRÉ, 64, 1.º

Presidente Wilson

esperado a 27 de Setembro

LISBOA Telef.: C. 3601, 3602 e 3603

ANUNCIAR NO ÉCRAN LUMINOSO DO R. CIO É FAZER UM ANUNCIO QUE A LISBOA TODA VÊ

UM NOVO EXCITANTE

Existe, em Boston e arredores, um numero considerável de fábricas de cautchú, na purificação do qual é empregada a nafta. Essa nafta, em ebulição, é contida em grandes tinas e cuidadosamente preservada do ar. Ora aconteceu que, numa dessas fábricas, começou a observar-se que as operárias andavam num quasi permanente estado de embriaguês. Vigiam-nas e constatou-se que se embriagavam por prazer, respirando os vapores que saiam das caldeiras de nafta. Tôdas declararam que êsse funesto abuso se tornara, para elas, quasi numa necessidade, pelo hábito que tinham contraído. As sensações que provoca essa embriaguês são, segundo parece, superiores ás da morfina, da cocaína, do ópio, do haschisch e de outros narcóticos e alcaloides.

O OLFACTO DOS HOMENS
E DAS MULHERES

Sábios americanos, que se tem dedicado á questão, observaram que os homens, em geral, tem o olfacto duas vezes mais apurado que as mulheres. O ácido prussico, numa solução de 1 para 20 000, é imperceptível ao olfacto de tôdas as mulheres, enquanto que a maior parte dos homens distingue a sua presença numa solução de 1 para 100.000, isto é, muito mais fraca.

A COROA DOS PADRES

Chama-se *tonsura* a coroa que é aberta na cabeça dos padres, anteriormente a tomarem ordens. A idade em que pode ser recebida varia, segundo as dioceses. Todos os religiosos, seculares ou regulares, devem trazê-la. A medida que o eclesiástico avança nas ordens a coroa torna-se maior. Segundo o ritual romano, a tonsura do padre deve ter 8 centímetros de diametro; a do diácono, 6; a do sub diácono, 4,5; a do seminarista, 4. A tonsura do Papa abrange quasi toda a parte anterior da cabeça. Outrora, distinguia-se a *tonsura de São Pedro*, pequena e circular, que é hoje a adoptada; a *tonsura grêga* que abrangia toda a cabeça; e a *tonsura de São Paulo*, que ia duma orelha a outra, na parte anterior da cabeça. Primitivamente, era um estigma humilhante ou infamante o ter a cabeça tonsurada ou rapada. Os Francos rapavam a cabeça dos príncipes incapazes de suceder no trôno.

DESASTRES DE AUTOMOVEIS

Segundo uma recente estatística, o automóvel causou em cinco anos, só nos Estados Unidos, a morte de 100 000 pessoas, das quais 30 000 são crianças. Quanto aos feridos, contam-se por milhões. Nos Estados Unidos, há inúmeras companhias de seguros só occupadas a tratar de questões automobilísticas. Há tempos, uma senhora, Mlle. Josefina Frusal, exigiu 3 200 dólares (64 000 contos!) como indemnização por uma dentadura artificial (com dentes de ouro) quebrada. Os juizes deram-lhe razão e ainda obrigaram a parte contrária a dar-lhe 200 dólares de indemnização.

LISBOA • BRISTOL CLUB • DANCING

O DOMINGO
ilustrado

TEATROS

TEATRO Uma homenagem a Ilda Stichini CÁ POR DENTRO

HISTORICO

A nossa época já não comporta o teatro historico. As teorias da escola moderna e os novos horizontes abertos á comedia e ao drama, sempre instaveis, baniram-no por completo. Portugal é dos paizes que maior contingente de peças historicas tem fornecido aos arquivos. O nosso passado justifica essa abundancia. O nosso lirismo, explica suficientemente essa pecha que logrou entusiasmar o publico e tentar a pena dos maiores poetas de todos os tempos. Ha dez anos, que o teatro do genero entrou num franco declinio. Hoje nenhum cartaz guerreiro, patriotico ou heroico consegue encher uma casa, nem nenhum artista consegue impôr uma figura, por mais ajustado que a ela esteja. São isto razões para abandonar mos o teatro historico? Supomos que não. O seu fracasso reside, sobretudo, no facto de ter sido até hoje literariamente explorado, com apresentação de scenas e de motivos conhecidos por todos. Nunca se estudou a psicologia das personagens, dando-lhe a competente realidade.

A epopeia e o caso dominaram sempre. A filosofia da historia, o seu comentario, as correntes secretas que levaram determinado rei a determinado empreendimento, os porquês duma convulsão popular, a trama romantica das almas, e não das figuras, expostas á luz dum criterio moderno, dentro do relativo comezinho da vida, como fez Bernardo Shaw, na *Joana d'Arc*,—não têm tentado os nossos dramaturgos.

O teatro historico é historia de compendio—e mais nada. Aceita-se o que a lenda e a legenda tem narrado de boca em boca, de idade em idade, de geração em geração, com todos os naturais exageros e hipertrofias chauvinistas. Procura-se o efeito, o lance, o *tableau*. O drama assim, por mais belo e magestoso que se apresente, carece de vida e de realidade. Não tem o menor contacto com o publico. Ouve-se e compreende-se, mas uma distancia de evocação, que prejudica sempre a sensação natural, espontanea, acessiva,—real, que o publico quer obter no teatro. Será possível regressar ao drama historico, expurgando-o de cadaveres e de convencções? Modernizando os seus processos? Ligando-os ao pensamento moderno?

Aqui deixamos uma indicação.

ARTUR PORTELA

Olimpia

Direcção de Leopoldo O'Donnell, um dos mestres da cinematografia portuguesa e um dos industrialistas mais categorizados. Filmes de primeira escolha. As grandes produções europaeas e americanas. Ultimamente grandes transformações na sala e dependencias de primeira ordem para o publico.



Na noite de 11 do corrente, foi colocada uma lápide no teatro de Chaves, comemorando a passagem de Ilda Stichini. Descerrou a o presidente da Camara, perante uma casa repleta.

Assistiram as familias mais gradas da terra, as personalidades em destaque, e, entre elas, o comandante militar da cidade. Houve discursos entusiasticos. Em vista do sucesso obtido—sem precedentes até hoje—a companhia Ilda Stichini teve de realizar mais dois espectaculos, além dos quatro para que fora contratada.

Ilda Stichini triunfa. É um facto. A sua tournée prossegue, imperiosa, mau grado os dissabores que avassalam todas as companhias em tournée, seja pela provincia portuguesa, seja pelos Estados do Brasil, seja pelos desertos da Arabia. O nosso meio é pequeno. Uma contrariedade assume proporções de cataclismo.

Mas a companhia de Ilda Stichini não está em maré de desgraça, como pretendem alguns, talvez sem maldade, apenas por ouvir falar...

A tournée faz se. Com êxito artistico. Com casas cheias. Com muita festa. Apraz nos registar a homenagem prestada pelo povo de Chaves, a linda terra transmontana, á artista insigne, conhecida e querida de sul a norte, no nosso torrão.

O ano das revistas

A avaliar pelo que nos prometem os teatros para o inverno, a época de 1927-1928 vae ficar assinalada pelo advento da Revista.

O sucesso da «Agua-pé, no Avenida, ainda mais veio estimular a tendencia revisteira de alguns dos nossos escritores de teatro.

Casas de espectaculos que abriam a temporada com drama, comedia, opereta, abrem com revista.

O «Salão Foz» abandona temporariamente os seus programas de «musical» para iluminar uma taboleta com os nomes mais festejados do nosso teatro ligeiro.

O Apolo substitue os dramaticos de faca e alguidar pelo desfile volu-

ptuoso das «girls» num «emsemble» de féerie e movimento,

Avenida, Eden, Politeama, Maria Victoria, Variedades, querem revista, revista! Condenar a revista?!... Porquê?...

Lastimemos tão sómente a situação dos artistas que não cantam nem cantolam; das «estrelas» que tem horror ás pernas nuas; dos pães nobres de andar arrastado, incapazes de um pé de dança. 1927-1928—O Imperfo da Revista! Bravo!

Pelo menos haverá muita gente a trabalhar. Concordemos que peor seria se a época se caracterisasse pela apoteose do drama. E isto de revista é muito mais alegre...

Politeama Avenida

A Companhia Nasclmes Fernandes rep esenta a revista de grande montagem «A Aldeia dos Macacos».

Nascimento Fernandes renia á sus vozes alguns dos melhores elementos que fazem o genero. «A Aldeia dos Macacos», uma del ciosa «charge», promete eternisar-se no cartaz do lindo teatro da Rua Eugénio dos Santos.

Companhia Sataela-Amarante. A companhia mais elastica ao publico. Alem de Amarante—o mizer creador actual de tipos populares, este conjunto conta elementos como Lulza Sataela, uma notavel actriz que reúne o encanto duma mocidade fresca ao «tic» parisiense de seu estylo. Hoje e por enquanto todas as noites «Agua-pé».

Em pleno exito a companhia Almeida Cruz com a revista «Costido á portuguesa» grande espectáculo de fantasia.

«Costido á portuguesa» tem ainda o atractivo de um novo quadro, «Farpas e Ventarolas», repleto de chiste Filomena Lima, Zulmira Vargas, Margarida Ferreira sao algumas das primeiras figuras femininas da companhia.

Espectaculos modernistas com grandes atractivos. O mais fresco cinema de Lisboa. Alegria e arte.

Eden

Pathé

Cinema

Viu-se obrigado a ter automovel o empresario José Climaco.

—Nunca mais se viu o automovel do actor Alexandre d'Azevedo.

—Pensa novamente em ter automovel o escritor Alberto Barbosa.

—Vai-se desgostando, dia a dia, de ter automovel, o escritor teatral Lopo Lauer.

—Pensa em se aborrecer do automovel o poeta Silva Tavares.

—Vai brevemente comprar outra vez automovel a actriz Julieta Soares.

—Sem o menor aborrecimento, conserva o seu automovel o empresario Luis Ruas.

—Vai comprar automovel no Brasil o empresario Antonio Macêdo.

—Andam a escolher marcas de automoveis os empresarios Almeida Cruz, Rosa Matheus, Holbeche Bastos e Alves da Cunha.

—Apesar das panes, funciona ainda muito bem o automovel do empresario Luis Pereira.

—Batem todos os «records» os automoveis dos artistas empresarios Estevam Amarante e Erico Braga.

—A «panne» em Leiria, registada por um querido colega nosso, tem sido o assunto do dia.

Com pesar o registamos: —Ainda não é este ano que o empresario Luis Galhardo compra automovel... «Olé!»

Chiado Terrasse

O cinema da parte alta da cidade. O velho «Terrasse» agora arranjado de novo. O pal dos cinemas lisboetas. Opínios filma, sempre variados e para todos os padares do publico. As grandes produções de aventuras. Preços em concorrência. Amplissima e elegante sala.

LISBOA • BRISTOL CLUB • DANCING

DOMINGO
ilustradoUMA NOVELA DE AVENTURAS
COMPLETA

A PRINCESA QUE SE PERDEU NO MAR

Epilogo comovente dum
drama misterioso que teve
o seu desfecho tragico so-
bre o Atlantico.



grande passaro branco estava preparado sobre a pista para levantar vôo. Aguardava-se apenas a chegada do piloto e dessa princesa misteriosa, que pretendia conquistar para si a gloria de ser a primeira mulher a atravessar o Atlantico voando.

No grande aerodromo, todo cheio de palpitações frementes de asas e de roncões surdos de motores, faziam-se desde o alvorecer preparativos para a largada. O mecanico mergulhou pela ultima vez a cabeça dentro da nave branca, auscultando, como um medico ausculta o coração, todas as vibrações trépидantes do motor.

Pouco depois, chegava ao campo um automovel, que foi logo rodeado por dezenas de pessoas ansiosas por conhecerem essa famosa princesa, cujas excentricidades eram discutidas em Londres, nos clubes frequentados pela aristocracia.

Um tudo nada comovida, a princesa Matilde sorria para os jornalistas. O capitão Robert, alto e loiro como uma espiga de trigo, dirigiu-se logo com passos largos para junto do avião e trocou algumas impressões com o mecanico.

A princesa Matilde, depois de satisfazer a curiosidade dos reporters que a assediavam, seguiu-lhe o exemplo, saltando logo para a carlinga, ligeira e desenvolta como um rapaz de vinte anos.

Apesar de estar proxima dos quarenta, a sua pele conservava ainda uma grande frescura e os seus olhos denunciavam um coração terno, mais proprio para os torneios delicados do amor do que para as grandes batalhas do ar.

Tendo ficado viuva aos trinta anos, numa idade em que o coração da mulher sabe apreciar melhor a ternura amorosa duma alma que o saiba compreender, a princesa Matilde não voltou a casar e começou então a dedicar-se

com fervoroso entusiasmo aos problemas da Aviação.

Datavam desse tempo as suas relações com o capitão Robert, que acabava de tirar o seu *brevet* de piloto, tendo conquistado durante a guerra, por distinção, a *Military Cross* e os seus galões de tenente.

Foi ele o instrutor da princesa, que sentiu logo desde a primeira hora uma irresistível simpatia por esse grande bebê loiro, que brincava lá no alto com a morte como uma criança brinca com um boneco de Nuremberg.

As horas de vôo que fizeram juntos aumentaram ainda mais aquela simpatia inicial, que a breve trecho se transformava numa boa amizade de camaradas ligados pelas mesmas alegrias e pelos mesmos perigos.

Houve uma altura em que a princesa



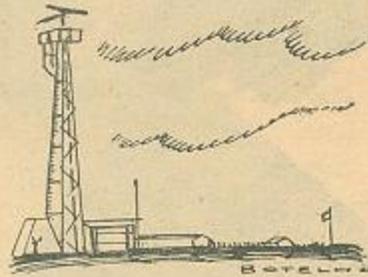
A princesa Matilde sorria para os jornalistas.

Matilde desapareceu de Londres e durante muito tempo não se falou dela. Os seus amigos calcularam logo que se tivesse refugiado no seu castelo da

Escocia, onde costumava entregar-se durante as férias aos prazeres da caça e do automobilismo.

Por sua vez, os amigos de Robert deram pela falta do seu camarada, que se ausentara com licença disciplinar do aerodromo de Croydon.

Lindbergh atravessara o Atlantico num só vôo, como uma flecha que vai direita ao alvo, e a gloria do jovem aviador americano ecoou por todo o mundo, chegando ao velho solar longinquo dos príncipes de Aberdeen, onde a princesa Matilde vivia um pouco esquecida da sua antiga paixão. Ora



O grande passaro branco lançou-se a toda a velocidade sobre o Atlantico.

como só uma nova paixão é capaz de matar a paixão antiga, era de supor que a nobre dama tivesse encontrado uma forte razão para se afastar do firmamento de Londres, onde brilhava como astro de primeira grandeza. O que teria sido nunca ninguém o soube—e já agora o mar guarda para sempre o seu segredo.

O caso é que um belo dia correu o mundo a notícia de que a princesa Matilde se preparava para atravessar o Atlantico na companhia do capitão Robert. Encomendado na Holanda um *Fokker* de grande envergadura e com um raio de acção superior a 7.000 quilometros, a bela aeronave não tardou muito tempo a sair das oficinas para os seus primeiros vôos de ensaio, que foram assistidos pelo proprio capitão Robert.

E, finalmente, naquela manhã cinzenta de Setembro, estava tudo a postos para a largada.

Quando a princesa apertava rapidamente a mão de alguns amigos que tinham vindo de Londres desejar-lhe boa viagem, aproximou-se dela um desconhecido, que lhe disse algumas palavras em voz baixa, entregando-lhe um talismã. Em seguida entrou na carlinga, onde o capitão Robert empunhava já um dos comandos, pronto a estabelecer contacto com o motor. O mecanico fez a manobra e a helice começou a girar. Dali a pouco, a grande aeronave deslocava-se na pista, elevando-se lentamente no espaço, apesar do vento que soprava com força de leste, impedindo o piloto de procurar a parte mais comoda do terreno.

E não tardou muito que o avião se

perdesse no horizonte, voando para o ocidente. Os postos semaforicos da costa começaram então assinalando a sua passagem sobre a Irlanda, até o momento em que o grande passaro branco se lançou a toda a velocidade do seu possante motor sobre o Atlantico azul.

Houve só um navio que o avistou na rota da America—e depois nunca mais se soube dele. O capitão Robert contava atingir o Canadá em 35 horas de vôo, se as condições atmosfericas lhe fossem favoráveis. Sabia se, no entanto, que havia uma forte neblina sobre o mar. Ter se hia perdido no nevoeiro o avião da princesa Matilde?

A unica pessoa que poderia dizer alguma coisa sobre aquele drama misterioso era uma jovem escocessa que vivia num castelo proximo de Aberdeen e que passava agora os dias e as noites a chorar, em frente dum retrato do capitão Robert.

Durante a sua curta ausencia de Londres, o jovem aviador fôra assinalado na Escocia, onde visitava frequentemente o castelo de Aberdeen.

A princesa Matilde, que nos anos anteriores exhibia o seu poderoso *Rolls* por todas as estradas pitorescas do velho condado, levava este ano uma vida recatada, recebendo apenas no seu maravilhoso solar algumas pessoas de familia, entre as quais se contava miss Kate. Dezoito anos cheios de vivacidade, de graça e de frescura.

Ora o capitão Robert, que tinha o coração ardente dum meridional, não ficou indiferente àquela beleza recatada e loira. Viam-nos frequentes vezes juntos, percorrendo as áreas misteriosas dos jardins de Aberdeen e conversando sabe Deus sobre que delicados problemas do coração humano.

A princesa Matilde, não se sabe porquê, não via com bons olhos aquele *flirt* romantico, que ia tomando dia a dia maiores proporções.

Nasceu-lhe então subitamente, ao vêr como ecoava por todo o mundo a gloria de Lindbergh, a ideia de ser a primeira mulher a atravessar o Atlantico.

E associou logo ao seu plano temerario a mocidade audaciosa do capitão Robert.

Miss Kate procurou ainda dissuadi-lo, mas já era tarde. O veneno da gloria começava a produzir os seus efeitos no espirito aventureiro do famoso piloto.

E numa madrugada deste mês risinho de setembro, enquanto um automovel se afastava a toda a velocidade pela estrada de Londres, um lenço branco ficou longo tempo a acenar duma janela, até que o carro desapareceu na ultima curva da estrada. Era para o capitão Robert a ultima curva da vida.

NORBERTO LOPES

LISBOA • BRISTOL CLUB • DANCING

UMA NOVELA COMPLETAMENTE
SENTIMENTAL

A Celeste, aquela pequena que todas as tardes na mansarda do prédio cinzento vinha afagar o louro canario e regar os cravos e os pobres mangericos do parapeito, possuía, além daquela beleza nata—que era um delite de quantos a conheciam—uma alma terna, toda sentimental, toda romantica, um coração bondoso e um nadinha de itericia.

O seu rosto oval, as suas olheiras profundas, os grandes olhos verdes, como azeitonas (d'Eivas) e os labios quaiis cerejas, constituíam a espiga de varios apaixonados da visinhança.

Todo esse conjunto de perfeições, matizado de sardas, lhe dava um aspecto encantador, um não sei quê de irresistivel, de tentador, de fascinante.

Vivia só para o trabalho, sempre elevada num incognito ideal, sempre abstrata.

As suas unicas preocupações eram apenas o labor quotidiano, os cravos rubros da janela e o canario.

A sua historia simples e breve como tantas outras, era bem triste.

Sem ter pai nem mãe, nem junto dela quaisquer parentes, vivia só, sem um carinho, sem um affecto, sem um amparo, sem qualquer amizade, a não ser a do canario sempre grato, sempre reconhecido pela razão de alpista quotidiana.

Costureira de roupa branca, tinha sempre entre mãos as coloridas sedas, as gazes, as etamines que outras vestiriam, com que outras adornariam os seus corpos. As gazes e as sedas que ela não vestiria nunca, que ela não sentiria nunca sobre a sua cutis marfilinea.

Por vezes, nas suas mãos diafnas, aquelas gazes tornavam-se lhe verdadeiramente asfixiantes.

Mas não se revoltava. Sempre bondosa, sempre resignada, sempre com passiva, sofria as agruras cruéis da adversidade, sem um queixume, sem a mais leve sombra de protesto.

O seu coração, sereno e casto, nunca havia palpitado mais fortemente; nunca o mais ligeiro espinho dum affecto o fizera pulsar, nunca um sentimento mais intenso o fizera vibrar de comção.

Mas certo dia, na janela fronteira, um visinho novo surgiu. Era um rapaz alto, moreno, bem parecido, cabelo em anéis e bigode á americana; correcto e triste, duma tristeza invulgar.

A sua tristeza constante, como em perpetua visita de pezames, impressionava.

Pressentindo nele uma historia tambem triste como a sua, um misterio tentador, a pequena da mansarda começou a interessar-se.

Todas as tardes esperava com ansiedade a hora em que a janela fronteira se abria, mostrando-lhe o visinho triste.

E cheia do romantismo que os rolapés dos grandes periodicos diariamente lhe forneciam, começou a ver nelle uma figura de misterio, um illustre desconhecido, talvez um principe disfarçado, um nobre, um titular foragido ao bulicio da grande vida, talvez corrido por atroz sentimento, por alancante paixão que o dominára.

E a partir d'então muitas vezes o canario piou baldadamente pela alpista e entrou tambem de entristecer.

Pouco a pouco o misterioso desconhecido começou tambem reparando na pequena da mansarda.

O seu perfil sereno e grave, emoldurado pelo caixilho escuro da janela pobre, por entre os cravos vermelhos e com a nota alegre e viva do canario saltitante, dava lhe a impressão daqueles postais muito ilustrados, cheios de



Todas as tardes esperava com ansiedade a hora em que a janela fronteira se abria...

beleza e sentimento, que ele usava em geral na sua correspondencia.

E entrou nele tambem o natural desejo de se corresponder com ela. Não hesitou. Uma carta, perfumada de almiscar, com violetas gravadas e recheiada sentimentalmente com um malmequer ao natural, partiu certo dia duma janela á outra.

Ele confessára-lhe um amor subito, imprevisto, espontaneo, discreto e duma intensidade extranha, pouco vulgar.

Era pobre, empregado num armazem de cabedais e chamava-se Ernesto Alves da Anunçiação.

Foi uma alegria, uma aleluia, um ceu aberto para a pobre Celeste. Nesse dia os cravos foram regados, escovado o parapeito da mansarda e o canario faminto apanhou uma indigestão de alpista que o ia levando desta para melhor.

O amor teceu então, entre as duas mansardas, uma cerrada teia.

Ele tinha se informado junto da porteira e soubera o nome dela, a sua vida.

Lembrando se dum quadro que existia no armazem, no escritorio do patrão, perguntára gravemente á mulher-sita quem era aquela pequena que morava na trapeira e que era tão interessante, com tão linda figura e rosto de madona.

— Bem sei, uma Dona Celeste que móra ali defronte...

E soube logo os mais reconditos pormenores da vida da pequena.

Ficou impressionado; e desde esse

FATAL DESILUSÃO

Novela triste para meninas
palidas, jovens imberbes,
crianças d'ambos os sexos e
militares sem graduação

A Mme. P. V. de C., que só gosta de lêr as coisas tristes

momento, tudo na mansarda, desde os cravos ao canario, lhe pareceu tão celestes como ela propria.

Elle respondeu lhe por fim. Resposta breve, discreta, apaixonada; e perguntava-lhe porque era triste; que misterio insondavel existia na sua vida; que profunda amargura lhe vincava assim a fronte; que tragico desgosto o acabrunhava; qual enfim a causa daquela tristeza que tanto a tinha impressionado.

E esperou num anseio a sua resposta; sempre atenta aos menores movimentos da mansarda fronteira, passando os dias num sobressalto e as tardes de olhos postos na vidraça, que por fim se abria e lhe permitia contemplá-lo, lhe permitia passar assim as tardes extatica, de olhos em Alves.

A resposta dele não tardou. Numa carta a trasbordar de paixão e de violetas prosaicamente amachucadas no Correio Geral, ele dizia-lhe o mal que o affligia, a razão porque era triste:

«...sim menina Celeste, o medico diz-me que eu estava nórastenico e vai d'ei eu fiquei triste. Isto não foi senão duma quêda que dei o ano paçado duma nóra a baixo em Bemfica, no Calça. Era uma nóra muito alta e daí a nórastenia. Mas a menina tambem anda triste p'lo que vejo. Conte-m'isso. Podemos talvez consularmo nos reciporamente...»

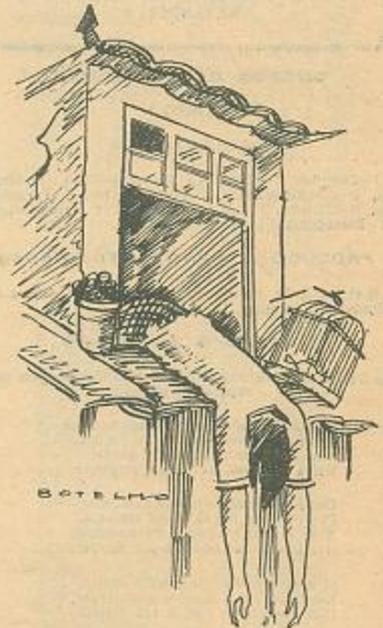
E assim foi. Todas as tardes se encontravam na rua junto á porta dele, quando, ébrios de amor, voltavam, ela da loja onde fóra levar o seu trabalho, ele do armazem dos cadedais.

Eram porem estes ultimos que a um

e outro faltavam, para unir em auspicioso enlace as suas almas apaixonadas.

No entanto, ás tardes, enquanto ela fazia as combinações para as freguezas, iam fazendo as suas combinações para o futuro.

E já o anteviam risonho, ditoso, cheio de perfumados cravos rubros a desabrochar e de louros canarios es-



... estava sobre o peitoril da sua triste mansarda o seu ultimo suspiro...

voaçando nas doiradas gaiolas da sua fantasia.

E tinham longos silencias, olhos nos olhos, penetrando se até ao mais recondito de suas almas; mãos nas mãos, tremulos de puras emoções, cheios de felicidade e de paixão.

Ele segredava-lhe todo o calor do seu affecto.

CONTINUA NA PAGINA 9

VARIA



SECÇÃO CHARADISTICA
N.º 4
6.ª SÉRIE
18 SETEMBRO 1927
SOB A DIRECÇÃO DE VISCONDE DA RELVA

Secção dirigida por VISCONDE DA RELVA
Toda a correspondência relativa a esta secção deve ser endereçada a Americo J. L. Coelho - Rua D. Pedro V, 18 - LISBOA

Toda a correspondência relativa a esta secção deve ser endereçada a Americo J. L. Coelho Rua D. Pedro V, 18 - LISBOA

Apuramento do n.º 10 (5.ª SÉRIE)

COLABORADORES
QUADRO DE DISTINÇÃO

Table with 2 columns: Name and Votes. Includes UTS (3 votes), N.º 1, de BAGULHO (2 votes), N.º 3, de D. SIMPÁTICO (2 votes).

DECIFRADORES
QUADRO DE HONRA

Table with 2 columns: Name and Achievement. Includes AFRICANO, D. GALENO, DROPÉ, D. SIMPÁTICO (12 decifrações).

QUADRO DE MERITO

Table with 2 columns: Name and Achievement. Includes FRANGERQUE S, GADUROMA, RENANDOF, 6.

OUTROS DECIFRADORES

FIGARO 2
DECIFRAÇÕES

- 1-Dourado, 2-Damejado, 3-Esculpido, 4-Traslegada, 5-UMBRÁSTICO, 6-Electro-motor, 7-Faranámirim, 8-Coitado, Argala, 10-Velhaco, 11-Salpimentada, 12-Bambocháta.

PRODUÇÕES MENOS DECIFRADAS

N.ºs 1 e 7, de BAGULHO e ORDIGUES, com 4 decifradores cada uma.

CHARADAS EM VERSO

Ao illustre charadista Auledo, singela homenagem dum verd. amigo

- 1 Já por detraz da serra o sol ardeme se oculta anunciando o fim do dia! - 2 e no remanso da tardinha quente Reies só Deus, há Vida e alegria!
Ouve-se apenas o rumor crescente Das cigarras em extranha sinfonia. A noite vem chegando brandamente trazendo a Paz bem dita e a Harmonia!...

- 2 Ao encetarmos colaboração Neste jornal, por vós abrilhantado, - 1 Rendemos preito de alta admiração Ao nosso genio, imenso, inegalado.
Chelos da mais ridente animação Iremos p'lo caminho já tri hado Por vós, ó Mestres, cujo galardão, Já tantas vezes tendes alcançado.
Pedimos pois a vossa complacência - 1 Para as nossas modestas produções E seguiremos vossos bons conselhos

TRES PEREGRINOS

- 3 Da moderna geração A mulher actualmente Pra nos fazer tentação E perder a «pinha» á gente,
Sem a menor repulsão Anda na rua indecente... Agora nesta estação, Como há calor e está quente,
Quasi se despe, a d'na! - 4 Mostra a perra bem calçada; - 1 Sem vergonha nem receo...

REI-FERA

- 4 Descansa, meu caro amigo, - 2 Que enquanto tiver comigo Esta «armadilha» secreta - 2 Não te spany» a borboleta.

LUMARO

- 5 O que namora á janela - 3 E não «nota» esse diabelo - 1 E' tolo; pois mostra ter Dado á lingua... sem proveito

JAMENGAL

- 6 Na minha passagem pela Ostalia, - Comprei duas argolas de belo couro. Em az dando a Marta, comprou á Jolla - 1 Por muito me amar, duas argolas de ouro.

DR. GRYFFO

- 7 O confrade arma citadas terríveis... Onde é que se viu quem tanto tenha feito diligencia por corromper, o charadismo?... - 4 - 1

CONDE-BARÃO

- 8 O homem estava «em cima» do estrado «com» um aspecto heróico. - 2 - 1

D. GALENO

- 9 Cita falsamente a tua testemunha, se não queres ser apanhado de improvisio. - 4 - 1

FIGARO

Apuramento do N.º 137
DECIFRADORES

DESTERRADO 3324. DR. MISTERIO. EDIPO IONOTO, GADUOMA, PAUSANIAS, CAPITÃO BOCHE.

DECIFRAÇÕES

HORIZONTAIS. - 1 logrativo. 2 le, Palmira, tu. 3 Adá, seara, mul. 4 a, aup, ara, foi, i. 5 ca, lar, a, alo, ad. 6 oca, iatrico, ano. 7 lota, p, a, l, siul. 8 hilário. permeio. 9 éter, o, p, i, arpp. 10 iac, eclogas, aal. 11 tr, oca, l, sai, mi. 12 a, ala, ceo, ora, a. 13 imã, paio, ara. 14 to, toireia, ou. 15 persevejo.

VERTICAIS. - 1 aco-lheita. 2 lá, acoitar, it. 3 Eda, atlec, amo. 4 l, aub, Aar, ola, p. 5 op, pai, r, eca, te. 6 gás, rapioca, pôr. 7 rlea, t, o, l, cais. 8 amarara, poleiro. 9 tira, i, p, g, orev. 10 ira, acteias, oie. 11 vá l, fio, r, são, aj. 12 o, môo, ma, ira, o. 13 Tui, aiera, aro. 14 ui l, anuiram, au. 15 ldo-lopeia.

PROBLEMA DE HOJE

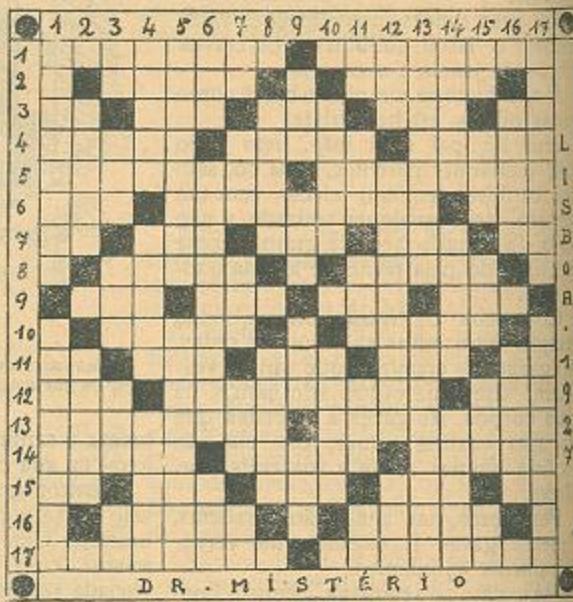
Original do nosso illustre colaborador «Dr. Misterio», e dedicado a «Nó» e «Prego».

HORIZONTAIS. - 1

«Arvore da Guiné», «medida antiga de azeite dos estados romanos», 2 «futo da Índia», «oco», 3 «medida itinerária do Japão», «mulher», são, «pefido de doze mezes», «arvore da Asia», 4 roedor, Inchaços pequenos na pele, «mulher», 5 semelhantes, «tribu paroense», 6 «planta do Brasil», «género de plantas», anagrama de «tal», 7 duas vogais, três letras de «lura», «va-reja» (inv.), três letras de «escoa», duas vogais. 8 «homem», «planta», 9 «ancês finos», cousa, «notas», três vogais. 10 fragmentos de madeira, «baobá da Etiopia», 11 «notas», «rio da França», joia, «mulher», «planta da China», 12 divulga-se, misturara com éter, «medida hebraica de cereais», 13 loquaz, «arbusto da Martinica», 14 velha, ávaro, «concha de pérola», 15 aqui, «formiga», fracção de uma unidade, abundancia, «apelido», 16 pessoas muito turbulentas, «ramos de flores no toucado das senhoras», 17 «ratafia», «planta».

VERTICAIS. - 1 «arvore de S. Tomé», viver nos campos. 2 «arvore das Antilhas», rumor. 3 «loureiro do Japão», «arvore da India», gracejava, «planta medicinal da Africa», duas letras de «rés», 4 cinco letras de «cretone», bebedeira, «uma das cinco partes do mundo», 5 «cidade da antiga Lusitania», «leltuga», 6 três letras de «cara», que admite e respeita opiniões contrárias á sua, anagrama de «ola», 7 «replil», «arvore do Malabar», três letras de «Deus»,

- 14 O regimento toma mantimentos onde os encontra, enquanto espera ser socorrido com gente de novo. - 3 - 1 Bemfica GABI
15 Isto não é «bebida» que se ofereça a uma «ma-lha». - 2 - 1 Mafra IDILIO
16 A mulher que é galante tem greça, por trazer á fidalga. - 3 - 1 Lisboa MARIA RAPAÇ



CORRESPONDENCIA

DR. MISTERIO. - O problema hoje publicado, de sua autoria, occupou-me nada menos de cinco horas em verificação e emendas. A maioria das terras que indicava não tinham verificação nos dicionarios adoptados, razão porque o problema foi refundido.

CAPITÃO BOCHE. - Temos em arquivo alguns problemas szus, que aguardam oportunidade para serem publicados. São da mesma qualidade dos do produtor acima indicado. Bem architectados é certo, mas contendo sempre as deficiencias já vulgarizadas. E agora aqui para nós: o sr. não conhece o «Dr. Misterio»?

AOS COLABORADORES DESTA SECÇÃO - Porque não procuram alguns dos szs. produtores de «Palavras Cruzadas» abolir, se não por completo pelo menos em parte, o uso por vezes excessivo, de anagramas e outros derivados? O que se está passando com esta applicação é simplesmente degradante. Duas ou três destas imperfeições, ainda se toleram; mais, redundam em abuso que urge evitar, para bom nome da secção e dos proprios colaboradores.

- 18 O meu correjo tem, neste momento, mais de vinte pretendentes. - 1 - 1 Porto RENANDOF

CORRESPONDENCIA

«D. Simpático», «Figaro», «Idilio», «Pausanias», «Renandof». - Penhorantes agradecimentos pelas felicitações que se dignaram enviar-nos.

VARIA

Fatal desilusão Banhos do mar

CONTINUAÇÃO DA PAGINA 7

Ela bebendo-lhe as palavras e os pensamentos, murmurava apenas:
—Arresto!! E ficava-se num extasis.

Mas um dia o destino cruel que juntára aquelas duas almas, sempre caprichoso, incoerente, perverso, delirante inundar de amargura as duas brístes, as duas pobres mansardas.

O proprietário do armazem de cabedais, já pleorico deles, decidiu afastar-se dos negocios e deu sociedade aos empregados.

Ernesto Alves sentindo o vil metal correr alífm caudalosamente em seus minguados bolsos, começou de alheiar-se da mansarda fronteira, a recolher tarde, a frequentar os clubs, a esquecer os seus antigos devaneios.

E quando altas horas o seu carro parava na calçada, nem sequer reparava na mansarda triste, onde um perfil macerado esperava ansiosamente o ambicionado momento de o ver chegar.

Eme sto esquecera completamente a pobre Celeste, os cravos e o proprio canario. Andava agora perdido entre borboletas, patos mansos e varias aves e arribação.

Passaram dias, passaram meses de tristeza e desalento na mansarda pobre de Celeste, que vivia agora num perpetuo inferno de incertezas, de amarguras.

Na mansarda fronteira, agora luxuosamente decorada, a vida decorria tambem num bulicio constante de postigas felicidades, de passageiras alegrias, de prazeres enganadores e falsos, que só conduzem á ruina e ao desespero.

Por fim, uma tarde, gastos completamente os cabedais do armazem, Ernesto Alves da Anunciação viu anunciada a tragica falencia, a ruina, a derrocada da sua passageira prosperidade.

E uma bala veio pôr um tragico ponto final na sua vida, uma cruz negra no seu estabelecimento, dois desolados escritos na sua prospera mansarda, o desespero no coração alancado da pobre costureira e a agonia no fragil corpinho do pobre canario, que não pode tambem sobreviver aquela dôr e á crise de alpista de que ha muito sofria o seu magro papo, outra hora replecto, farto e satisfeito.

E alguns dias volvidos, Celeste, de olhos saudosamente postos pela ultima vez na mansarda deserta, que fôra o doirado ninho de todas as suas illusões, confundido com os cravos rubros da janela—tambem agonisantes—os ultimos alentos do seu magro peito, corroído por doença que não perdôa exalava sobre o peitoril da sua triste mansarda o seu ultimo, o seu

O banho de mar é, para uns, prazer, para outros, remedio, e para muitos, um «snobismo», mais uma exigencia da moda. E, no entanto, o banho de mar pode ser tão util como prejudicial, e não deve ser tomado independentemente dos conselhos dum especialista na materia. O costume de tomar banhos de mar não remonta a grande antiguidade. Há um século, ninguem os tomava. Não admira, portanto, que a seu respeito ainda não fosse dita a ultima palavra e que os próprios médicos tenham opiniões contrarias acerca da sua eficacia em muitos casos.

Um principio que devem ter sempre presente os que tomam banhos de mar é que o uso destes é regulado muito mais pela temperatura do ar do que pela agua, a qual se mantem quasi constante durante as estações, visto que a sua média oscila de 15 graus a 20, aproximadamente (no Canal da Mancha), de 17 graus a 22 (no Oceano), de 18 a 28 (no Mediterraneo). A agua do mar não é, portanto, tão fria quanto se pode supôr, no inverno, e não é um absurdo justificar a possibilidade de tomar banhos de mar em todas as estações. O que se deve sempre conhecer é a temperatura am-

que, se o banhista sair do banho e entrar imediatamente num recinto bem aquecido, isto é, se não fizer a reacção ao ar livre, estes inconvenientes não subsistem.

No momento em que se entra na agua, a pele, orgão muito sensível, sofre uma contracção intensa, ocasionada pela brusca passagem para um meio de outra densidade e de outra temperatura. Daí resulta um arrepio, a sensação da pele arrepiada, arritmia cardiaca e respiratoria, fenomenos que são tanto mais passageiros e rapidos quanto fôr mais franca e rapida a entrada na agua. Mergulhar sem medo é altamente vantajoso, porque assim não vem uma reacção emocional complicar as perturbações causadas pela mudança de meio.

Durante um certo tempo, o banhista sente bem estar, mas se permanece imóvel e tem medo, sofre um outro arrepio, que pode ser demorado e perigoso; nessas circunstancias, deve-se sair logo do banho e provocar o aquecimento por todos os meios artificiais: recintos aquecidos, fatos quentes, movimentos activos. A duração do banho deve ser regulada entre o momento preciso em que se entra na agua e a ameaça desse segundo arrepio, cujo



Antes do banho. Navegando pela praia.

biente, a da atmosfera. Esta é que deve ser suficientemente alta para que a reacção, depois do banho, se efectue em boas condições. Admite-se, em geral, que essas condições são boas, quando a temperatura do ar atinge 18 graus a 20, o que acontece, em regra, entre as dez horas da manhã e as cinco da tarde. Os banhos de manhã muito cedo ou depois do pôr do sol, em dias chuvosos ou muito ventosos, podem ser prejudiciais, porque, ao sair-se do banho, o corpo sofre um resfriamento consideravel, devido á evaporação ser muito rapida. E' claro

aparecimento vem mais tarde ou mais cedo conforme as pessoas. Mas é evidente que o treino, o hábito, faz com que, pouco a pouco, o momento do segundo arrepio vá tardando mais.

A natação é um «sport» quasi obrigatorio para todo o banhista, porque representa o movimento natural do corpo, dentro da agua. Quem sabe andar, em terra, deve saber nadar na agua. Todos os animais nadam, porque todos andam. Todos os homens saberiam nadar, se o medo não intervisse.

definitivo, o seu irrevogavel suspiro, mandando a sua alma ingenua, celestial e pura, ao encontro do saudoso Ernesto e do esquecido canario, cuja alma simples se alimentava ha muito da purissima alpista da eternidade.

AUGUSTO CUNHA



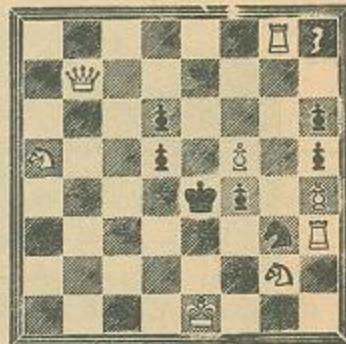
A correspondente sobre esta secção pode ser dirigida a Pereira Machado, Grémio Literário, Rua Ivens, n.º 97

N.º 140 PROBLEMA

rúfer

1.º premio 1877—Nova Revista

Pretas (7)



Branças (9)

Mate em 2 lances

Solução do problema n.º 139

(Schelechter)

1 D e 3 d 3

CAMPEONATO DO MUNDO.—Deve ter começado no dia 10 em Buenos-Aires o «match» Capablanca-Alekhine em que é disputado o titulo de campeão do mundo.



GANDEIROS DE ELECTRICIDADE

Chegaram lindos modelos ao

BICO NACIONAL AUREO, L. DA

Rua 1.º de Dezembro, 35 e 37

Motos INDIAN

MODELOS 1928

A CHEGAR A PRIMEIRA REMESSA

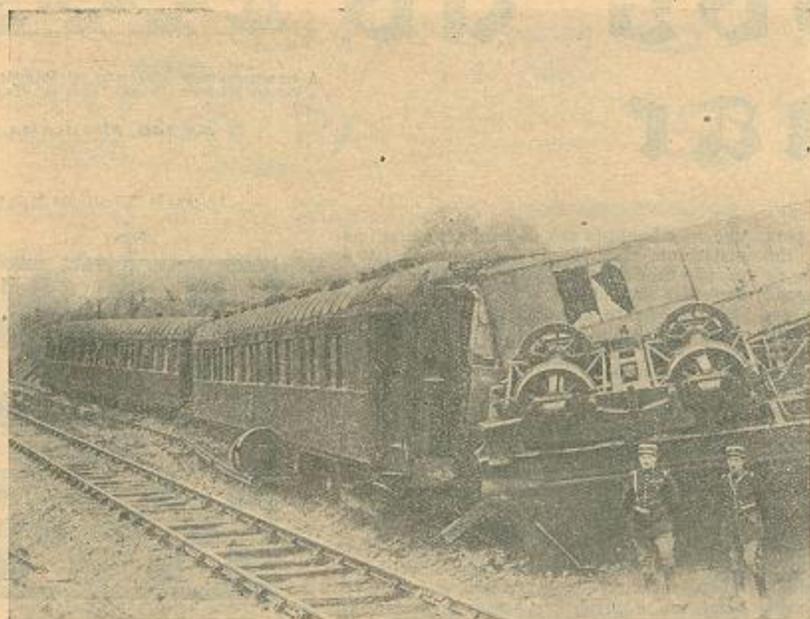
J. J. GONÇALVES, Sucessores

RUA RODRIGUES SAMPAIO, 90—LISBOA

LISBOA • BRISTOL CLUB • DANCING

actualidades graficas

OS GRANDES DESCARRILAMENTOS



O estado em que ficou o rapido Pirineus-Côte-d'Argent, depois do descarrilamento provocado pela «sabotage» ferroviaria. O maquinista foi o primeiro a morrer.

(Fo'o Meutisse,

AS GRANDES PROVAS CICLISTAS



João Francisco, vencedor do 8.º Porto-Lisboa ciclismo. Este corredor estabeleceu o record com 14 h. 42 m. e 21 seg.

(Cliffé S. Jazar Diniz. «Fcto Presse»)

OURIVESARIA PORTUGUESA



Uma elegantissima peça da acreditada ourivesaria J. M. & Pedro Fraga, Rua da Palma, 82.

OS ARRAIAIS POPULARES



Festas na Moita, da Senhora da Boa Viagem. Grande romaria, que esteve concorridissima.

COLEGIO VASCO DA GAMA (LISBOA)



Na inauguração da ultima exposição de trabalhos escolares dos alunos, que causou sensação pelo elevado grau de cultura que revelou.

LISBOA • BRISTOL CLUB • DANCING

PUBLICIDADE

Sabão Simão

(Sabão crême desengordurante)

Não tem rival—Útil em todas as casas

Excelente para limpeza de marmores, esmaltes, alumínio, metais, vidros, etc. O melhor desengordurante para limpeza de mãos.—Útil em todas as oficinas e garagens.

A Idealista

Telef. 5771 N.—Rua Ferreira Borges, 70

Empresta dinheiro sobre tudo que ofereça garantia, ao juro da Lei, 3 e 4 %.

Compra e vende ouro, pratas, joias, mobiliários, pianos, etc.—**JOÃO ANTONIO BARBOZA**

COOPERATIVA

DOS

Estofadores e Decoradores

Preziada na Exposição do Rio de Janeiro em 1908 com a medalha de prata

Sociedade de Responsabilidade Limitada

ENCARREGA-SE DE TODOS OS TRABALHOS DE ESTOFO, TANTO EM NOVO COMO REPARAÇÕES E BEM ASSIM PINTURAS E ENCRADOS DE CASAS

ARMAÇÕES, TAFETES, OLEADOS, MOBILIÁRIAS POLIDAS, MOVEIS DE FANTASIA, PAPEIS PINTADOS, ETC.

PREÇOS MODICOS

31, Calçada da Estrela, 33

LISBOA

Telefone T. 39

COLEGIO VASCO DA GAMA

Travessa das Freiras (a Arroios), 2—(Lisboa-Norte)

Telef. N. 2145

End. telegrafico: COLEGIO LISBOA

Recomendado pela Delegação de Saude—Diplomas de Honra do Ministerio da Instrução Publica—O primeiro estabelecimento particular de educação e ensino do País

INTERNATO—SEMI-INTERNATO—EXTERNATO. Classe infantil, instrução primaria, Curso Completo dos letas (Ciências e Letras), Curso Commercial, Curso Geral de Agricultura louvado e reconhecido de Utilidade publica pelo Governo. Educação Moral, Intellectual, Artistica e Fisica com todos os desportos. Convidam-se os encarregados da educação a visitar as instalações do Colegio, para directamente examinares as suas condições e seguirem em confronto das vantagens pedagogicas, higienicas e disciplinares, ministradas aos alunos.

12 anos de brilhantes resultados literarios e educativos

OS DIRECTORES

Padre Antonio Manuel da Silva Pinto Abreu
Dr. Luis Gonzaga da Silva Pinto Abreu
Dr. Alberto Carneiro de Mesquita

FUNERAES TELEF. 1094 N.

DOS MAIS SIMPLES AOS
MAIS LUXUOSOS

TRASLADAÇÕES URNAS
PARA TODOS OS CEMITERIOS. ARMAÇÕES,
PROVINCIA, ETC. GONDAS, ETC.

PREÇOS REDUZIDOS SERVIÇO PERMANENTE

MARIO AUGUSTO DA SILVA MILHEIRO

131, R. DOS ANJOS, 139

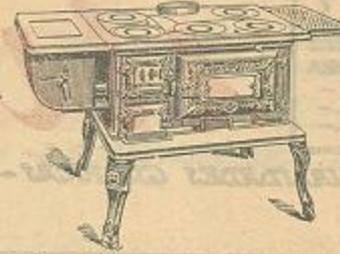
RESIDENCIA:
RUA DOS ANJOS 139, 2.º E.

LISBOA

Fogões Escoceses

(MODELO CASEIRO)

Economicos.
Centenas a funcionar
em
Portugal.



Depositario:
Herber Cassels
Junior

Rua 24 de Julho, 56 — LISBOA — Telefone C. 3256

HOTEL LUSO-ITALIANO

PAREDE

(LINHA DE CASCAIS)

ABERTO TODO O ANO
SERVIÇO DE RESTAURANT—CHAS
Constantino Molle

MATERIAL ELECTRICO

Fios e cabos para electricidade
Lampadas «PHILIPPS»
Motores electricos
e dinamos da

GANZ-E. A. G.—Budapest

Sociedade **SAMARAL, L. DA**

RUA DE SANTA JUSTA, 82, 2.º
LISBOA

Telefones: (N. 3580 Armazens
N. 4952 Escritorios)

EMONEURA

MEDICAMENTO · ALIMENTO



O Tónico
mais recomendado
pelos medicos
e usado sempre com
exito.

Deposito geral: **MANOEL J. TEIXEIRA**
115, R. do Poço dos Negros, 117—LISBOA

Antiguidades e Objec'os de Arte

MANTONS DE MANILLA
com artisticos bordados, em antigos
e modernos
57, S. PEDRO D'ALCANTARA, 61

TELEFONE C. 641



Casa Palissy Galvani

Guilherme F. Simões

LIMITADA

COLOCAÇÕES
E reparações de campainhas electricas,
telefonos e pára-raios

LUZ ELECTRICA
Deposito de todos os aparelhos
da sua especialidade

Preços sem competencia

Descontos aos revendedores

13, RUA SERPA PINTO, 15—LISBOA

AUTOMOBILISTA

LIMITADA



160, Rua Alves Correia, 160

LISBOA

Sempre o maior sortimento de accessorios para automoveis
PRONTA EXECUÇÃO NOS PEDIDOS DA PROVINCIA

PREÇOS DIMINUTOS

End. telegrafico: AUTOMOBILISTA

Telef. 4218 Norte

LISBOA · BRISTOL CLUB · DANCING

A maior tiragem de todos os semanarios portugueses

O DOMINGO

ilustrado

ASSINATURAS

CONTINENTE E ESPANHA

ANO - 48 ESCUDOS -
SEMESTRE - 24 ESC. -
TRIMESTRE - 12 ESC. -

ASSINATURAS

COLONIAS

ANO, 52x20 - SEMESTRE, 26x10
ESTRANGEIRO
ANO, 64x26 - SEMESTRE, 32x13

NOTÍCIAS & ACTUALIDADES GRÁFICAS - TEATROS, SPORTS & AVENTURAS - CONSULTÓRIOS & UTILIDADES

**¿Qual é a
costureira
lisboeta
mais
bonita?**



UM CONCURSO POPULAR RAPAZES DE LISBOA!

Mandem-nos uma quadra em que se celebre a beleza duma costureira de Lisboa. A melhor quadra terá um premio. Aquela a quem fôr oferecida essa quadra terá outro prémio. — (Ver dentro condições).

LISBOA • BRISTOL CLUB • DANCING